

MESTRADO

ECONOMIA E GESTÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Trabalho Final de Mestrado

Dissertação

Para quê uma incubadora?

BLC3 como iniciativa de desenvolvimento local

Luís Pedro Gomes Pereira

Outubro, 2016

MESTRADO EM
ECONOMIA E GESTÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

Dissertação

Para quê uma incubadora?
BLC3 como iniciativa de desenvolvimento local

Luís Pedro Gomes Pereira

Orientação:

Professor Doutor Sandro Miguel Ferreira Mendonça

Outubro, 2016

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Sandro Mendonça por ter aceite orientar nesse trabalho, pelo total apoio, disponibilidade e tempo investido para que eu conseguisse concluir os meus objetivos.

Aos entrevistados, o Presidente José Carlos Alexandrino, Engenheiro António Campos e Doutor João Nunes, pelo contributo fundamental, que está na base da elaboração deste trabalho final de mestrado.

À minha família, mais concretamente aos meus avós, José Gomes e Maria da Conceição, por serem fundamentais em toda minha jornada e sem eles nada seria possível.

À minha mãe Ana por todo esforço, dedicação e carinho que demonstrou ao longo desse percurso.

Aos demais familiares, ao meu pai Luís Pereira e a minha irmã Ana Mafalda por sempre estarem presentes sempre quando precisei.

E finalmente à Rafaella minha companheira de todas as horas pelo apoio incondicional, que me leva todos os dias a superar algo mais.

A todos muito obrigado!

Resumo

Nos dias de hoje a ciência assume um papel de importância, visto que a aprendizagem, inovação e o conhecimento representam elementos cruciais para o desenvolvimento e competitividade das empresas.

O que vem sendo desenvolvido para fomentar o crescimento local face à realidade em que o país está inserido, são as Incubadoras de empresas. Essas incubadoras ajudam pequenas empresas a tornarem-se independentes, oferecendo-lhes estrutura e serviços de apoio ao negócio. No fim do período de incubação o que se espera é que a empresa incubada consiga sua independência, consiga concorrer no mercado de forma a atingir êxito e assim ultrapassando a competitividade do mercado.

Em maio de 2010, tendo em conta a situação em que Portugal se encontrava e a desertificação do interior do país, mais concretamente em Oliveira do Hospital, foi criada a BLC3, uma instituição sem fins lucrativos que tem como objetivo criar investigação aplicada e impulsionar empresas para serem lançarem no mercado. Esses incentivos tornaram possível mostrar que mesmo em crise e numa região fustigada pela desertificação é possível desenvolver uma região economicamente e dinamizar o território.

Esta tese, partindo da experiência ainda recente do nosso país, tenta avaliar a importância dos BLC3 para a Região de Oliveira do Hospital e região centro do país.

Palavras-chave: *Incubadoras de empresas, desenvolvimento regional, inovação, desertificação*

Abstract

Today science plays an important role in business, since learning, innovation and self-knowledge are key elements for the development and competitiveness of enterprises.

What has been developed to promote local growth in the country, especially due to the uncertainty of the economic conditions, are Startup Incubators. These incubators help small businesses become independent by offering them a structure and business support services. At the end of the incubation period it is expected that the new company gets its independence, and can compete in the market to achieve success, thus playing ahead in the competitive market.

In May 2010 and taking into account the economic situation in Portugal including brain-drain, especially in the area of Oliveira do Hospital, BLC3 was created, a nonprofit organization that aims to invest in applied research and boost businesses be to launched on the market. These incentives have made it possible to show that even in crisis it is possible to develop an economically viable region and boost the town.

This thesis attempts to assess the importance of BLC3 for Oliveira Hospital and the central region of the country, within the short timeframe of its existence in the country.

Keywords: Startup Incubators, regional development, innovation, brain-drain

Índice

Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Índice	- 1 -
Índice de Tabelas	- 2 -
Lista de Abreviaturas	- 2 -
1. Introdução	- 3 -
2. Incubadoras de Empresas:	- 5 -
2.1 História, Principais conceitos, definições e tipologias	- 5 -
2.2 Tipologia de incubadoras	- 8 -
2.3 Conceito de Inovação	- 13 -
2.3 Empreendedorismo e Inovação.....	- 15 -
3. Metodologia	- 17 -
3.1 Metodologia utilizada	- 17 -
4. Contexto	- 18 -
4.1 A BLC3	- 19 -
4.2 Missão.....	- 20 -
4.3 Visão.....	- 21 -
4.4 Associados/Fundadores	- 21 -
5. BLC3 como impulsionadora do desenvolvimento local	- 21 -
5.1 Justificações de uma incubadora num território	- 21 -
5.2 Características da incubadora	- 23 -
5.3 Abordagens à gestão e ao desenvolvimento de serviços	- 25 -
5.4 Monitorização e avaliação do desempenho organizacional e valor-acrescentado territorial. -	26 -
6. Conclusão	- 28 -
6.1 Limitações	- 30 -
6.2 Proposta para estudos futuros	- 30 -
Referências.....	- 31 -
Anexos.....	- 33 -
Anexo I - Protocolo de Entrevista – BLC3	- 34 -
Anexo II - Projectos Públicos, Empresas Incubadas e Prémios da BLC3	- 35 -
Anexo III - Transcrição das Entrevistas.....	- 39 -

Índice de Tabelas

Tabela 1: Uma revisão sistemática de pesquisas de incubadora de negócios.....	10
Tabela 2: Análise do concelho por faixa etária.....	15

Lista de Abreviaturas

INE - Instituto Nacional de Estatística

NBIA - National *Business Incubation Association*

SI - Sistemas de Inovação

SRI - Sistemas Regionais de Inovação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

I&DT – Investigação e Desenvolvimento Tecnológico

ML – Modelo Lógico

TRL – *Technology Readiness Levels*

EUA – *Estados Unidos da América*

1. Introdução

Estamos inseridos numa sociedade cada vez mais apoiada no conhecimento, em que informação circula ao segundo. O sucesso das empresas está na sua capacidade de inovação e à facilidade de adaptação às rápidas exigências do mundo em que vivemos.

Nesse contexto da busca incessante da inovação e criação de empresas que surge em 1959 o conceito de incubadora de empresas.

As incubadoras de empresas têm como finalidade gerar empresas bem-sucedidas, com fiabilidade económica e financeira e que se tornem independentes ao fim do período de incubação que segundo Allen e McCluskey (1990) pode ser de cinco a seis anos.

Dentre as diversas definições de incubadoras a que melhor podemos citar é a da *National Business Incubation Association*, que diz, “Incubadoras de empresas é uma ferramenta de desenvolvimento económico, concebida para acelerar o crescimento e o sucesso das empresas, através de um grande leque de recursos e serviços de apoio aos novos negócios.”¹

O Presente Trabalho Final de Mestrado foi construído sob suporte de dados concretos da incubadora de Empresas BLC3 localizada no município de Oliveira do Hospital. A BLC3 é uma associação sem fins lucrativos que tem como finalidade apoiar a criação e desenvolvimento de empresas ajudando no fornecimento de infraestruturas, aos serviços mais elaborados como o acesso a técnicas e conhecimentos de gestão, assistência no desenvolvimento do plano de negócios, etc.

¹ Citado em: Hackett e Dilts. A Systematic Review of Business Incubation. p.82

O trabalho está dividido por Capítulos. O capítulo 1 é onde se encontra a introdução da dissertação. No capítulo 2 está a revisão de literatura onde podemos entender melhor o conceito de incubadora, bem como a história de criação do conceito de incubação e as suas tipologias. De seguida é abordado o tema da inovação, pois não podemos falar em incubadoras de empresas sem falar em inovação e empreendedorismo.

O capítulo 3 é destinado à metodologia que foi usada para a concretização da dissertação. O trabalho apoia-se numa análise qualitativa, feita através de entrevistas semiestruturadas com o Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, José Carlos Alexandrino, o CEO da BLC3, Doutor João Nunes e o Engenheiro António Campos, ex-Secretário do Estrado da Agricultura, ex-Euro Deputado e fundador da BLC3.

O capítulo 4 é onde apresentamos a BLC3, o contexto onde a associação está inserida, sua visão, missão e parceiros.

No capítulo 5 podemos encontrar os resultados das entrevistas, onde podemos demonstrar como a criação da BLC3 foi crucial para o desenvolvimento da região e as respetivas conclusões. O capítulo 6 é destinado as considerações finais deste trabalho final de mestrado.

2. Incubadoras de Empresas:

2.1 História, Principais conceitos, definições e tipologias

A palavra incubação é a derivação feminina singular do verbo incubar e tem como significado “desenvolver-se lenta e latentemente até se manifestar” (PREBIRAM).

Esta palavra está também associada ao processo de assegurar a vida aos seres humanos recém-nascidos, sendo que as incubadoras empresarias operam da mesma forma que as incubadoras hospitalares, pois elas também proporcionam benefícios ao nascimento, desenvolvimento e consolidação de novas empresas. Assim, entende-se que:

“uma incubadora de negócios é uma organização que apoia negócios emergentes durante os seus primeiros anos de vida (...). As incubadoras são geralmente utilizadas para alavancar o desenvolvimento económico de uma região em geral ou encorajar o crescimento de uma determinada área de indústria.” (Hackett e Dilts, 2004: 55)²

No ano de 1959, na cidade de Batávia, nos EUA, no estado de Nova Iorque, foi introduzido o conceito de incubadora de empresas. Tudo começou quando o maior empregador desta cidade, a *Massey Ferguson*, faliu e fez disparar o desemprego local para os 20%, deixando vago um enorme complexo de edifícios de escritórios que mais tarde viria a ser comprado pela família Mancuso. Sem conseguir encontrar um inquilino capaz de arrendar todo o imóvel, Charles Mancuso decidiu dividir o espaço e arrendá-lo a pequenas empresas, algumas das quais ainda em fase de desenvolvimento. Dada a necessidade destas empresas em receber algum apoio nomeadamente ao nível da gestão

²² Citado em (Holovnia, 2008) in *Recommendations for a Creative Business Incubator for the City of Worcester*.

e no acesso a capital, além das instalações, eram também prestados alguns serviços de consultoria e de assistência no acesso ao financiamento.

(Hackett & Dilts, 2004;57) surgiu, assim, com o objetivo de estimular uma economia local confrontada com uma forte crise de desemprego, a primeira incubadora de empresas, denominada Centro Industrial de Batávia. Desde então, o conceito de incubação tem sido constantemente influenciado e moldado por uma série de eventos e de desenvolvimentos não só de cariz económico, mas, também, de cariz tecnológico e legal.

Para Hamdani (2006)³ são, de um modo geral, estes os factores que estão na origem da evolução do conceito ao longo das últimas décadas:

- A necessidade de revitalização urbana e de desenvolvimento comunitário
- O interesse na comercialização de outputs de investigação científica
- O ambiente tecnológico altamente dinâmico e
- A receptividade dos mercados de capitais ao conceito de incubação

As incubadoras de empresas podem ser sem ou com fins lucrativos. As sem fins lucrativos, além de mais antigas, têm predominância na maior parte dos países, sendo programas de auxílio aos empreendedores na fase inicial de criação e na fase de crescimento de seu negócio. (McKee, 1992:17)⁴ a primeira incubadora sem fins lucrativos foi concebida no final da década de 1950, em Nova York, como consequência imediata da proliferação dos parques tecnológicos nos Estados Unidos.

³ Citado em: Assessing the Impacts of Technology Business Incubators: A framework for Technology Development Centers in Turkey.

⁴ Citado em (Dornelas, 2002)Planejando Incubadoras de Empresas

Podemos identificar diversas definições de incubadoras de empresa proposta por um vasto conjunto de investigadores entre o período de 1986 a 2000, como referem diversos autores. Hackett e Dilts (2004:82) apresentam a definição da *National Business Incubation Association*, segundo a associação a definição de incubadoras é a seguinte: “Incubadoras de empresas é uma ferramenta de desenvolvimento económico, concebida para acelerar o crescimento e o sucesso das empresas, através de um grande leque de recursos e serviços de apoio aos novos negócios.” Essa definição propõe que a principal finalidade de uma incubadora é gerar empresas bem-sucedidas, com fiabilidade económica e financeira, que se tornem independentes ao fim do período de incubação.

A definição recomendada por Lumpkin e Ireland (1988:66), nos diz que: “incubação de empresas é um esforço organizado para suscitar novos e emergentes negócios, apoio à criação, desenvolvimento e sobrevivência de novas empresas, num ambiente controlado”. A incubação permite que a empresa cresça em um ambiente interno protegido e bem como disponibilizados equipamentos e serviços de apoio às empresas.

Löfsten e Lindelof (2002:862) uma incubadora é uma organização – privada ou pública – que proporciona recursos que apoiam a criação de novas empresas.

O principal objetivo de uma incubadora publica é reduzir os custos ao criar uma empresa, oferecendo um conjunto de serviços e estruturas que vão desde o fornecimento do espaço, a infraestruturas, aos serviços mais elaborados como o acesso a técnicas e conhecimentos de gestão, assistência no desenvolvimento do plano de negócios.

Segundo Allen e McCluskey (1990:224)⁵ o ciclo de vida médio para que uma empresa seja “lançada” no mercado pode durar entre cinco ou seis anos. Este deverá ser o tempo suficiente para que as empresas possam se desenvolver, adquirindo conhecimentos e ferramentas e assim a sua independência, ou seja, poderem concorrer no mercado de forma a atingir êxito, ultrapassando a competitividade do mercado.

2.2 Tipologia de incubadoras

Smilor e Gill (1986:327)⁶ sugerem que, de um modo geral, na década de 80, duas estratégias distintas estavam na origem dos modelos de incubação. A primeira abordagem consistia na renovação de edifícios antigos e vagos, que mais tarde seriam arrendados a empresas a custos relativamente baixos.

Esta estratégia focava-se exclusivamente em dar aos empreendedores acesso a instalações sob condições mais favoráveis do que as do mercado. Neste caso, o sucesso era definido em termos de espaços arrendados e da capacidade de as empresas incubadas fazerem face aos custos mensais.

Já a segunda estratégia consistia numa tentativa mais consciente de fomentar o empreendedorismo e o crescimento sustentado de novas *start-ups*.

Apesar da oferta de instalações continuar a desempenhar um papel de grande relevo, o foco principal era o desenvolvimento das empresas. Neste caso, o sucesso era mensurado

⁵ Citado em: Technology Entrepreneurship and Business Incubator.

⁶ Citado em: Assessing value-added contributions of university technology business incubators to tenant firms.

pelo crescimento das empresas incubadas e pela sua capacidade de após o período de incubação continuarem a crescer de um modo sustentável e autónomo.

Estas duas estratégias estão na origem da proposta de Brooks (1986), que sugere uma distinção entre incubadoras enquanto “empreendimentos de base imobiliária” e enquanto “iniciativas de apoio ao desenvolvimento do negócio”.

Com base nesta distinção, o autor introduziu o conceito de “*two type incubator continuum*”, que propõe que numa primeira fase as *start-ups* entram nas chamadas “incubadoras de apoio ao desenvolvimento do negócio” a fim de poderem usufruir de todos os seus serviços de apoio, acesso a networks e outros recursos partilhados.

Numa segunda fase, e assim que as *start-ups* atingirem um estado de desenvolvimento mais avançado, podem mudar-se para as “incubadoras de desenvolvimento de empreendimentos de base imobiliária”, cuja oferta se cinge apenas a espaços de escritório e alguns recursos partilhados.

Allen e McCluskey (1990:64) desenvolveram uma escala que distingue os vários tipos de incubadoras de acordo com as suas fontes de valor acrescentado. Num extremo da escala, a proposta de valor da incubadora centra-se na oferta de instalações, enquanto que no outro extremo, a proposta de valor centra-se, fundamentalmente, na oferta de serviços de apoio e de desenvolvimento da empresa.

Para Allen e McCluskey (1990) as incubadoras que funcionam enquanto programas de desenvolvimento são mais suscetíveis de gerar valor económico para a economia local. Com base nesta escala, quatro tipos de incubadoras foram identificados pelos autores:

- 1- Incubadora enquanto empreendimento de base imobiliária com fins lucrativos

2- Incubadoras de desenvolvimento empresarial sem fins lucrativos

3- Incubadoras de base universitária

4- Incubadoras capital semente com fins lucrativos

Tabela 1: Uma revisão sistemática de pesquisa de incubadoras de negócios

Instalações		<u>Valor Acrescentado por</u>		Desenvolvimento de Negócios
	Desenvolvimento de incubadoras com lucrativos	Desenvolvimento de incubadoras sem fins lucrativos	Incubadoras Acadêmicas	Incubadoras somente com capita com fins lucrativos
Objetivos Primários		Criação de emprego	Colaboração universidade-indústria	Capitalizar oportunidade de Investimento
	Valorização imobiliária	Declaração positiva de potencial empresarial	Investigação Universitária	
	Proprietários vendem serviços as incubadoras			
Objetivos Secundário		Gerar resultado sustentável para organização	Reforço serviço e Missão empresarial	Desenvolvimento de produtos
	Criar oportunidades para transferência de tecnologia	Diversificar base económica	Capitalizar oportunidade de investimento	
	Criar oportunidade de investimento	Complementar programas existentes	Criar boa relação entre a comunidade e a instituição.	

Tabela adaptada de Hackett e Dilts (2004;61) com base em Allen e McCluskey 1990

Com base na observação das dinâmicas da incubação nas últimas décadas, Grimaldi e Grandi (2005:11-121), propõem uma segmentação mais detalhada, sugerindo uma classificação assente em dez variáveis caracterizadoras:

1- Missão institucional/estratégia: tendo por base a missão institucional é possível distinguir entre incubadoras sem fins lucrativos, cujo objetivo passa por promover o desenvolvimento regional, e incubadoras com fins lucrativos, cujo objetivo consiste em gerar lucros;

- 2- Sector Industrial: as incubadoras podem focar a sua atividade num sector industrial específico ou, por outro lado, optar por um âmbito de atuação mais abrangente e aberto, acolhendo *start-ups* de diversos sectores de atividade;
- 3- Localização: no que diz respeito à localização física da incubadora, é possível distinguir entre áreas em processo de revitalização, áreas industrializadas e áreas nas proximidades de universidades;
- 4- Mercado: dependendo da sua estratégia, as incubadoras podem ter como alvo empresas que operam a nível local, nacional ou internacional;
- 5- Origem das ideias: quanto à origem das ideias de negócio, é possível fazer uma distinção entre ideias provenientes de uma organização já existente e da qual a incubadora é afiliada (origem interna) e ideias oriundas de todos os outros indivíduos ou organizações (origem externa);
- 6- Fase de intervenção: dependendo das necessidades das empresas incubadas, a incubadora pode prestar apoio desde a fase inicial de definição do conceito de negócio até à sua maturidade e independência ou, por outro lado, as incubadoras podem desenvolver competências específicas numa determinada etapa do processo de desenvolvimento do negócio;
- 7- Período de incubação: o período de incubação refere-se ao período de tempo que a incubadora está disposta a acolher a empresa incubada. Este período varia de incubadora para incubadora e é estabelecido pela equipa de gestão;
- 8- Fontes de receitas: as incubadoras públicas são entidades sem fins lucrativos e, por isso, fazem face às suas despesas sobretudo através de fundos regionais, nacionais ou internacionais e parcialmente pelos honorários cobrados às empresas incubadas pelos serviços prestados. Já as incubadoras privadas não beneficiam de

financiamento público e, por isso, em adição aos honorários cobrados pelos serviços prestados, a incubadora tem geralmente uma participação no capital das empresas incubadas;

- 9- Serviços oferecidos: o portfólio de serviços oferecido pelas incubadoras depende das necessidades das empresas que estão dispostas a incubar e, principalmente, das competências e do conhecimento base da equipa de gestão da incubadora. De um modo geral, é possível distinguir três tipos de incubadoras consoante os serviços oferecidos: as incubadoras mais orientadas para a oferta de serviços tangíveis (como espaços, escritórios, etc.), as incubadoras mais orientadas para a oferta de serviços intangíveis (como a transferência de conhecimento e competências) e, por último, as incubadoras cuja sua oferta combina tanto os serviços intangíveis como os serviços tangíveis;
- 10- Equipas de gestão: no que diz respeito à equipa de gestão é possível fazer uma distinção entre as equipas altamente envolvidas na gestão e nos aspetos operacionais do dia-a-dia das empresas incubadas e as equipas de gestão que atuam apenas enquanto intermediários entre as empresas incubadas e as diferentes entidades externas que disponibilizam recursos e competências a que estas não teriam acesso internamente.

2.3 Conceito de Inovação

Não podemos falar em incubação de empresas sem falar em inovação e de como uma teoria afeta diretamente a outra. Face a temática do estudo proposto é indispensável a definição do conceito desses conceitos.

Godinho (2013:17) distingue em duas etapas sequenciais os conceitos de invenção e inovação, onde na primeira etapa ocorre o desenvolvimento da ideia e na segunda etapa e onde verificamos sua aplicação.

Caraça (2003:94) diz-nos que a invenção parte de uma ideia ou de um esquema com o intuito de possivelmente criar um novo produto, processo ou sistema. Por outro lado, a inovação tende a transformar essa invenção podendo essa vir a ser um bem ou serviço no mercado.

Para Freeman (1989), a inovação afasta-se claramente da invenção. Segundo o autor, invenção é a criação de um novo produto ou processo face aos existentes. A inovação retrata o uso de uma alteração não trivial e a melhoria num processo, produto ou sistema que é novo para a instituição que desenvolveu a alteração.

Schumpeter (1939) definiu inovação como uma nova função de produção. Para este autor a inovação é uma mudança histórica e irreversível no modo de fazer as coisas. Com este autor surge o conceito de destruição criadora.

A perspetiva de inovação prolonga-se e ganha alguns adeptos conforme descreve Dosi (1988), para quem a inovação é no sentido fulcral, a procura de e a descoberta, experimentação, desenvolvimento, imitação, e adoção de novos produtos, novos processos produtivos, e novas estruturas organizacionais.

Mais tarde, Porter (1990) defende que a inovação é um novo formato de fazer as coisas que são comercializáveis.

Como refere Schumpeter (1934) são duas categorias de inovações:

- Tecnológicas: está ligado a introdução de um novo produto ou de uma nova qualidade em um produto já existente e/ou introdução de um novo método de produção;
- Organizacionais: decorrem das inovações tecnológicas e se referem a novas formas de organização da atividade econômica, como organização industrial, abertura de novos mercados, novas fontes de matérias-primas ou qualquer outro novo atributo capaz de influir na competitividade.

Essencialmente, a inovação tecnológica se refere à busca e descoberta, à experimentação, desenvolvimento, imitação, e adoção de novos produtos, novos processos e novas formas de organização.

Entretanto, enquanto o mercado não avaliar e aprovar a ação da empresa trata-se de uma invenção sem relevância econômica. Por invenção entende-se qualquer ideia, projeto, modelo de produto, processo ou *design* que para se transformar em inovação deve ser validada no mercado (Dosi, 1988).

Se de um lado a invenção é caracterizada pelo descobrimento de algo novo, por outro a inovação é caracterizada pelo uso concreto de um bem, com perspectiva de lucro para o inovador (Schumpeter, 1934).

Mendonça (2011:13) refere que “as inovações que são lançadas no mercado são a consequência de sínteses criativas a partir de um acumular de novas ideias tecnológicas

e comerciais e representam uma expansão do portfólio de saberes dos atores sociais, sejam empresas, universidades, etc. As inovações revelam a capacidade de gerar novo conhecimento com valor potencial para um grupo de utilizadores que têm problemas económicos e técnicos por resolver.”

Dentro desse contexto, a invenção somente assume maior relevância económica quando se transforma em inovação (OCDE, 1994). Dessa forma, percebe-se que, inovar não é simplesmente criar algo tecnologicamente novo. Inovar implica em dar um destino económico para uma nova ideia, que pode ser, ou não, resultado de um invento genuíno.

Para Godinho (2013:22) a noção de inovação tem vindo a ser alargada constantemente, nos primeiros estudos feitos sobre o tema na década de 60 e 80 os autores referiam-se essencialmente sobre inovação tecnológica, como já referido a cima Schumpeter. Depois dos anos 90 passou a ser frequente exaltarem também as inovações organizacionais, de *marketing* e de *design*.

2.3 Empreendedorismo e Inovação

Simões e Dominginhos (2003:11) realçam o conceito de empreendedorismo e diz-nos que “O empreendedorismo está, como afirmámos, estreitamente ligado à acção. Ele expressa-se num conjunto de actos orientados para realizar algo que é valorizado e que tenha potencial transformador do status quo. Encarado desta forma, o empreendedorismo expressa-se em múltiplas facetas da vida humana e não apenas na atividade empresarial. Ele está presente na política ou na educação, na arquitetura ou no desporto, na música ou no serviço social.”

Para Baron e Shane (2007:2-54) o empreendedorismo envolve reconhecer a oportunidade para criar algo novo, como também o reconhecimento de uma oportunidade para desenvolver um novo mercado, usar uma nova matéria-prima ou desenvolver um novo meio de produção. O empreendedorismo é entendido então como um processo no qual se realiza algo criativo e inovador.

Para Leite (2002), a inovação como a base do empreendedorismo é o elemento crucial na competitividade das empresas. O termo inovação refere-se, neste contexto, a um critério económico e social. O seu critério não é a ciência nem a tecnologia, mas uma mudança no cenário económico ou social, uma mudança no comportamento das pessoas ou consumidores ou produtores, como cidadãos, estudantes ou professores.

3. Metodologia

Este capítulo tem como objetivo final apresentar qual foi a metodologia de investigação utilizada, descrevendo todos os estágios da elaboração dessa dissertação.

Assim sendo, serão avaliadas as razões pelas quais essa metodologia foi adotada, os benefícios da metodologia, assim como suas limitações.

3.1 Metodologia utilizada

Levando em consideração o tema pretendido a ser investigado nessa dissertação “Para quê uma incubadora? BLC3 como iniciativa de desenvolvimento local”, foi realizado um estudo qualitativo, visto que a abordagem qualitativa não requer técnicas estatísticas e por vez não responderia à questão proposta para a concretização da investigação.

De acordo com Bogdan & Biklen (2010:169), “uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” Desse modo, a utilização de questões de investigação nesse caso, consegue captar a essência de todos os intervenientes envolvidos na incubadora.

Uma vantagem identificada de usar a metodologia escolhida foi a elasticidade da duração, uma vez que os entrevistados podiam se aprofundar mais no tema, outra vantagem foi a possibilidade de interagir com os entrevistados e poder obter respostas mais espontâneas e os mesmos terem mais liberdade para prosseguir com a entrevista, o que veio a ser uma mais-valia para a conclusão da dissertação.

Uma limitação encontrada nesse percurso com a escolha dessa metodologia foi de basear o trabalho em factos, não obtendo dados ou números que comprovem os acontecimentos.

Os entrevistados foram escolhidos a fim de responderem as 16 questões anteriormente elaboradas⁷ a fim de que ajudassem a demonstrar como a BLC3 ajudou e colabora com desenvolvimento da região e a sua luta contra a desertificação do interior do país.

As entrevistas foram realizadas via telefónica e correio eletrónico, tendo um ficheiro de áudio de aproximadamente 60 minutos, previamente agendadas, com o Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, José Carlos Alexandrino, o CEO da BLC3, Doutor João Nunes e o Engenheiro António Campos, ex-secretário do estrado da agricultura, ex-Euro Deputado e fundador da BLC3.

4. Contexto

A BLC3 está localizada no interior do país, mais propriamente no Concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra. De acordo com os últimos censos realizados pelo INE em 2011, o município de Oliveira do Hospital conta com uma população de total de 20855 habitantes, sendo eles 10007 de população masculina e 10848 de população feminina. A população ativa no concelho é de 8965. Sendo assim, a população total constituída por 20.855 habitantes, 10.007 são Homens (47,98%) e 10.848 são Mulheres (52,02%).

⁷ Consultar ANEXO I

Tabela 2: Análise do concelho por faixa-etárias

Faixa Etária	Total População	Percentual
0-14 anos	2787	13.36%
15-24 anos	2185	10.48%
25-64 anos	10816	51.86%
65 e mais	5067	24.30%

Adaptado “Censos 2011”

4.1 A BLC3



De acordo com o site (www.blc3.pt) a BLC3 é uma associação sem fins lucrativos que tem como data de fundação Maio de 2010 e inícios de atividades em setembro de 2011.

A sua área de atuação é multidimensional, em função da tipologia de projectos e âmbito. Em áreas estratégicas como Biorrefinarias, Bioindústrias, Bioprodutos, Bioeconomia e Economia Circular, a BLC3 desenvolve as suas atividades de biotecnologia industrial numa dimensão nacional e internacional. Também desenvolve atividades locais e regionais de implementação de políticas e estratégias de desenvolvimento ligadas à fixação de massa crítica e valorização dos recursos endógenos e património genético do território.

A BLC3 tem em suas instalações uma parte voltada apenas para as empresas em período de incubação com salas desde 20 m² até 60 m², com ligação a uma rede de conhecimento de excelência internacional e com possibilidade de acesso a laboratórios, mobiliário e internet. As áreas comuns das instalações contem com recepção, salas de reuniões e zonas de serviços com fotocopiadora e videoconferência.



Fonte: Jornal correio da Beira Serra

4.2 Missão

Ser líder, ao nível I&DT, no desenvolvimento de soluções de biorrefinarias, de bioindústrias, de políticas de valorização de recursos naturais e fluxos de massa resultantes da atividade económica para a geração de bioprodutos de elevado valor acrescentado, com base no conceito de Economia Circular.

Dinamizar o conceito de "Bioeconomia" e "*Smart Regions*" para a fixação de jovens e massa crítica em regiões interiores e na resolução de problemas ambientais, educacionais, falta de implementação tecnológica no setor agroflorestal e agroalimentar, transformando-os em oportunidades.

Estabelecer o elo de ligação entre os diversos *stakeholders* e agentes de decisão, empresas, centros tecnológicos e de estabelecimentos de ensino superior.

4.3 Visão

Promover uma nova visão de inovação, investigação, ciência, criatividade, qualidade e empreendedorismo - fomentando assim o aparecimento de novas ideias de negócio e de uma nova geração de empreendedores.

4.4 Associados/Fundadores

A BLC3 conta com um grupo de parceiros que inclui a BIOCONT, que é o primeiro parque de biotecnologia de Portugal, também conta com as Universidades de Coimbra e do Minho, a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Oliveira do Hospital, Instituto de Catálises e Petroquímica do Conselho Superior de Investigação Científica de Espanha e o Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

5. BLC3 como impulsionadora do desenvolvimento local

Uma vez apresentada e interpretadas as respostas às questões apresentadas nas entrevistas, procuraremos proceder à discussão dos resultados. Iremos retirar as principais ilações do estudo.

5.1 Justificações de uma incubadora num território

A Associação BLC3 foi criada com o intuito de captar massa crítica e desenvolver ideias para a região de Oliveira do Hospital e concelhos limítrofes. Segundo o Engenheiro António Campos, a BLC3 foi a solução encontrada para fazer face à desertificação do

interior do país, criando uma estrutura que fosse capaz de dar resposta à emigração, fazendo com que os jovens da região tivessem uma alternativa.

Para o Presidente de Oliveira do Hospital, o projeto foi um desafio do ponto de vista político, dado o investimento, sendo a Câmara Municipal o principal parceiro e motor para, numa fase inicial, dar início ao processo, contando com “um subsídio inicial de 500 mil €, com o apoio do ministério da Agricultura e da Secretaria de estado das florestas”.

Segundo José Carlos Alexandrino, a BLC3 iria transformar o futuro, transformar em Biocombustíveis o excesso de vegetação, criando postos de trabalhos e dinamizando o concelho. Ou seja, seria um foco canalizador de soluções adaptadas aos desafios locais.

Já para o CEO João Nunes, a BLC3 é um centro de busca inovação orientado para o aproveitamento dos recursos do território e uma incubadora de novas iniciativas com ligação a universidades, centros de investigação e à câmara municipal. Ele próprio com 27 anos na data do lançamento, considera que a dupla valência leva a uma dupla captação/fixação de jovens, dado que é cada vez mais necessário recrutar jovens qualificados que seriam desenvolvidos no centro de investigação, promovendo o empreendedorismo, criando a oportunidade para os jovens desenvolverem projectos de ideias na incubadora. Segundo o Eng. António Campos, não é possível desenvolver o interior sem profissionais qualificados, que desenvolvam novas tecnologias, novos conhecimentos, dando respostas às necessidades da região.

5.2 Características da incubadora

Relativamente à questão “Quais são os pontos fortes e os pontos fracos da BLC3? Quais são as oportunidades e as ameaças?”, os entrevistados tiveram respostas distintas. O Presidente da Câmara, como pontos fortes identifica as vantagens competitivas, capacidade de ter no seu concelho doutorados e fixar jovens num novo tecido produtivo. Identifica como ponto fraco que esta depende da sua própria inovação e de fundos comunitários, sendo que como oportunidade diz que já há grandes empresas interessadas nos seus produtos. Como ameaça identifica a possibilidade de deixar de haver possibilidade de poder financiar, com subsídios da Câmara, que mensalmente recebe um subsídio de aproximadamente 10 mil euros.

O Eng. António Campos considera que a BLC3 tem como ponto forte o facto de ser uma estrutura única no país, como oportunidade o prestígio internacional, frisando que esta se encontra mais reconhecida a nível internacional do que a nível nacional, tendo recebido cerca de quatro prémios de prestígio internacional, sendo o último deles o Prémio RegioStars, promovido pela Comissão Europeia, cujo o objetivo é identificar boas práticas no desenvolvimento regional e destacar projectos originais e inovadores que possam ser atrativos e inspiradores para outras regiões. Segundo o Eng. António Campos, a BLC3 irá ter novas instalações e das mais avançadas tecnologicamente a nível nacional, visto que a Câmara Municipal adquiriu as antigas instalações da Acibeira, local que será remodelado com o apoio dos fundos comunitários. Como ameaça, identifica o facto de não estar num grande centro urbano, referindo que o interior é muito descriminado em relação ao litoral, tornando-se difícil obter apoio político, sendo que o facto de estar no interior é um ponto fraco identificado.

O CEO João Nunes identifica como pontos fortes os projectos e ideias ligadas ao território, a Capacidade de fixação de talentos em regiões rurais e interiores, segundo o último concurso para bolsas de doutoramento com 80 vagas, 5 foram atribuídas a investigadores da BLC3. O Ecossistema e oferta do campus também foram pontos fortes identificados, sendo a BLC3 a primeira entidade em Portugal criada para o desenvolvimento do cluster das Biorrefinarias (2ª e 3ª geração) e da Bioeconomia e *Smart Regions*, diversidade de áreas disciplinares ao nível do Centro de Investigação e da Incubadora com o fase de pré-incubação gratuita e posteriormente baixo custo das salas e uma equipa jovem e com formação curricular de excelência. Como pontos fracos definiu os maus acessos rodoviários, a dificuldade de captar investimento privado e a localização interior e reconhecimento insuficiente das autoridades públicas e dos media. Como oportunidades a localização num território com um conjunto vasto de recursos por explorar e de oportunidades de desenvolvimento, oportunidade de atração destes jovens através de programas estruturados de imersão. Como ameaça a perda de massa crítica e de jovens para o estrangeiro.

Segundo o entrevistado João Nunes, a BLC3 é gerida em modelo de *start-up*, financiando-se através de fundos comunitários, realizando projectos em Simulação Empresarial, e ligação a empresas no desenvolvimento de projectos. Considera que a sustentabilidade da BLC3 está no plano e forma de valorização e que passa pela vertente de exploração comercial dos resultados de I&D.

5.3 Abordagens à gestão e ao desenvolvimento de serviços

Perante a questão “Relativamente à sua gestão? Como é que a BLC3 é administrada?”, o Presidente de Câmara de Oliveira do Hospital refere que a BLC3 tem um conselho de administração, cujo o presidente é o Dr. João Nunes, tendo também a participação da Câmara Municipal, devido ao apoio e investimentos efetuados.

Como incubadora, a BLC3 já apoiou 18 empresas, disponibilizando apoio à criação e desenvolvimento de ideias e empresas, através de programas próprios de incubação, havendo sempre o período de pré-incubação para melhor análise e apoio ao desenvolvimento das ideias ou empresas, apoio à dinamização das ideias e empresas e respetivo acompanhamento, análise e captação de investimento e financiamento, apoio para atividades de investigação e inovação através do Centro I&DT, disponibilização de espaços físicos (gabinetes de trabalho, sala de reuniões, sala de formações, Laboratório partilhado e zona outdoor para desenvolvimento de projectos e demonstrações tecnológicas de biotecnologia, espaços e serviços para demonstração pré-industrial em Agroalimentar e Biotecnologia Vegetal, serviços de *Coaching* e Mentoria , serviços de apoio a ligação a redes e mercado, serviços de apoio à identificação, seleção e recrutamento de recursos humanos, domiciliário e serviços de receção, serviços de apoio à proteção intelectual e transferência de conhecimento, serviços de apoio contabilístico, aconselhamento jurídico, registo e apoio à constituição de empresas/sociedades e apoio à dinamização e replicação do modelo de fixação de jovens e de empreendedorismo em outras regiões (polos).

A BLC3 mantém um modelo de contato direto para alavancar o sucesso das empresas incubadas, estudando caso a caso, as necessidades das mesmas. Segundo o entrevistado

João Nunes, “não existem fórmulas universais sendo que o modelo de *Canvas* e de ML e TRL são os que mais utilizamos para alavancar o sucesso das empresas”. A taxa de sobrevivência tem sido muito positiva desde o início, sendo que apenas uma em 18 empresas fechou, o entrevistado refere que “O sucesso das empresas depende muito mais dos promotores, da ideia e do seu perfil do que das incubadoras”, frisando que a “relação de confiança entre os promotores e incubadora, foco e especialização” são os factores críticos para o sucesso de uma incubadora de empresas. O Eng. António Campos afirma que os apoios são fundamentais para o sucesso de uma incubadora, sendo que a incubadora de BLC3 está ligada a um centro de investigação aplicacional o que a faz também ter apoio financeiro.

5.4 Monitorização e avaliação do desempenho organizacional e valor-acrescentado territorial

À pergunta “Como podem os resultados dos programas de incubação ser avaliados?”, o entrevistado João Nunes respondeu que os mesmos podem ser avaliados através da criação de emprego, imagem e marca, bem como o volume de negócio, taxa de crescimento das empresas incubadas. Como impacto fiscal e económicos, a BLC3 captou cerca de 9,2 milhões de euros em investimento privado e público.

Relativamente à pergunta “Porque é que a BLC3 pode ser considerada uma mais-valia para o desenvolvimento local?” o entrevistado João Nunes mencionou que “pela captação e fixação de jovens e massa crítica num território com tendência para o abandono, pela valorização dos recursos endógenos (ex.: queijo, efluentes, biomassa), pelo contributo para tornar o território mais competitivo através do apoio ao tecido económico local e

jovens empreendedores, pela influência na tomada de decisão dos mais jovens na escolha de áreas de formação com maior absorção pelo mercado de trabalho (orientadas para a ciência e tecnologia), pelo impacto positivo na economia local, pelo aumento da competitividade e da oferta a nível cultural e ocupacional.”

6. Conclusão

Neste capítulo apresentaremos as conclusões do nosso estudo, que vão ao encontro dos resultados e respetiva discussão evidenciados no capítulo anterior. De seguida apontaremos algumas limitações encontradas no presente estudo e, por fim, enunciaremos algumas recomendações que consideramos fundamentais para a elaboração de estudos futuros nesta área.

A BLC3 tornou-se num ator crucial para o município de Oliveira do Hospital, na criação e fixação de conhecimento aplicados aos domínios de especialização e às necessidades do território, incluindo a região centro.

Retomando as questões propostas no desenvolvimento deste trabalho, podemos concluir que:

- A Câmara Municipal teve um papel fundamental como impulsionadora do projeto BLC3, ficando claro que é necessário apoio político para que sejam criados centros especializados e incubadoras de empresas, em locais do interior do país, como Oliveira do Hospital.
- A BLC3 tem um papel fulcral no combate à desertificação do território, capaz de atrair investimento público e privado para um município do interior do país, criando novas empresas, explorando os recursos do território.
- A BLC3 dependeu, numa fase inicial, de um investimento avultado, e que depende de ideias inovadoras para conseguir financiamento por parte das entidades competentes.

- A BLC3 tem um forte impacto económico e fiscal para o Município de Oliveira do Hospital, tendo gerado investimentos no valor de 9,2 milhões de euros, em investimentos público e privado.
- A BLC3 tem uma taxa de sobrevivência de empresas elevada, tendo apoiado cerca de 18 empresas.
- O centro de investigação aplicacional tem um papel fundamental para a incubadora, criando a base e o conhecimento necessário para que sejam criadas empresas viradas para as necessidades do território, aproveitando assim as valências internas, criando valor e explorando o mercado regional.

Respondendo à pergunta inicial, “Para quê uma incubadora?”, a BLC3 pretende responder às necessidades do território, abrindo portas aos munícipes para criarem soluções que desenvolvam a região, tendo um impacto demográfico positivo, atraindo investimento, jovens doutorados, investigadores e empreendedores, evitando a fuga dos mesmos para o estrangeiro. Podemos concluir que a BLC3 veio contribuir para renovar e inovar um município com problemas demográficos, envelhecido, com problemas de emprego, e que a incubadora é uma ferramenta que permite dar resposta aos jovens de Oliveira do Hospital, criando assim um espaço onde se possam fixar e dessa forma garantir a continuidade das suas gerações em Oliveira do Hospital.

6.1 Limitações

Como limitações identificámos o facto de os responsáveis das empresas incubadas não terem sido consultados, visto que não retiramos o ponto de vista de quem está a ser apoiado, podendo haver pontos negativos não identificados neste estudo. Outra limitação identificada foi a não identificação dos indicadores de inovação por parte das empresas incubadas, o que não nos permite identificar se as empresas incubadas são empresas que inovam em produtos ou em serviços.

6.2 Proposta para estudos futuros

Para estudos futuros, seria interessante perceber a realidade a nível nacional, identificando outros casos de sucesso em que uma incubadora tem um papel importante para o desenvolvimento dos municípios, de forma serem identificadas oportunidades e futuras implicações na gestão das incubadoras e para o poder publico local.

Referências

(Outubro de 2016). Obtido de www.blc3.pt

Allen, D. N. (1990). Structure, policy, services and performance in the business incubator industry. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 61,77.

Baron, R. e. (2007). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thomson Learning 52-54.

Bogdan, R. e. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Brooks, O. (1986). Economic Development Through Entrepreneurship:Incubators and the Incubation Process. *Economic Development Review* 4 (2), pp. 24–29.

Carayannis, E. G. (2005). Architeting glocal, real-virtual incubator networks (G-RVINS) as catalysts and accelerators of entrepreneurship in trasitioning and developing economies. *Technovation*, 25,95-110.

Commission, E. (2002). *Benchmarking of Business incubators, Final Report*. Centre for Strategy & Evaluation Services.

Dilts, Sean M. Hackett e David M. (2004 b). A Systematic Review of Business Incubation. *Journal of Technology Transfer*, 1-28.

Dornelas, J. (2002). *Planejando Incubadoras de Empresas*. Rio de Janeiro: Futura.

Dosi, G. (1988). Sources, procedures and microeconomic effects of innovation. *Journal of Economic Literature*,, 1126-1171.

Drucker, P. (1986). *Inovação e Gestão: uma nova concepção de estratégia de empresa*. Lisboa: Editora presença.

Grimaldi, R. e. (2005). Business incubators and new venture creation: an assessment of incubating models. *Technovation*, 25,111-121.

Hackett, S. e. (2004). A Systematic Review of Business Incubation Research. *The Journal of Technology Tranfer*, 55-83.

Holovnia, N. e. (2008). Recommendations for a Creative Business Incubator. *WORCESTER POLYTECHNIC INSTITUTE*, 11-24.

Leite, E. (2006). *Empreendedorismo, inovação e incubação de empresas: lei de inovação*. Brasil: Edições Bagaço.

Löfsten, H. e. (2002). Science Parks and the growth of the new technology-based firms - academic - industry links. *Research policy*, 31, pp. 859-876.

Lumpkin, J. e. (1988). Screening Practices of New Business Incubators: The Evolution of Critical Success Factors. *American Journal of Small Business*, 12, 59-81.

- Mian, S. A. (Janeiro de 1996). Assessing value-added contributions of university technology business incubators to tenant firms. *School of Business, State University of New York*, pp. 325-335.
- NBIA. (2002). State of the Business Incubation Industry. NBIA Publications.
- OCDE, F. M. (1993). *The measurement of the scientific and technological activities: proposed standard practice for surveys of research and experimental development*. Paris.
- Phan, P., & al, e. (2016). *Tchnology Entrepreneurship and Business Incubation*. Londres: Imperial College Press.
- Porter, M. (1990). *The competitive advantage of nations*. Free Press.
- Rackett, S. e. (2004). A Systematic Review of Business Incubation. *The Journal of Technology Transfer*, 29,55-82.
- Schumpeter, J. (1934). *The Theory of Economic Development*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Schumpeter, J. (1939). *The theory of economic development: an inquiry into profits, capital credit, interest and the business cycle*. Cambridge: Harvard Business Press.
- Schumpeter, J. (1947). The creative response in economic history". *Journal of Economic History*, 140-159.
- Şehitoğlu, Ç. Ö. (2006). Assessing the Impacts of Technology Business Incubators: A framework for Technology Development Centers in Turkey. *2nd International Conference on Leadership, Technology and Innovation Management* , (pp. 282-291). Essex.
- Smilor, R. W. (1986). *The new business incubator: linking talent, technology, capital, and know-how*. Lexington: Lexington Books.

<http://www.correiodabeiraserra.com/blc3-plataforma-para-o-desenvolvimento-de-duvidas/>

Anexos

Anexo I - Protocolo de Entrevista – BLC3

1. Por que motivo foi criada a BLC3?
2. Quais são os pontos fortes e os pontos fracos da BLC3? Quais são as oportunidades e as ameaças?
3. Quais os principais desafios que a BLC3 enfrenta?
4. O que faz da BLC3 uma incubadora de sucesso a nível nacional?
5. Porque é que a BLC3 pode ser considerada uma mais-valia para o desenvolvimento local?
6. Como é gerida a BLC3? Como se financia? É sustentável?
7. Quantas empresas a BLC3 já apoiou? Que serviços disponibiliza?
8. Tem a BLC3 aumentado a taxa de sobrevivência das novas empresas, as taxas de criação de emprego e inovação industrial?
9. Que mecanismos são utilizados para alavancar o sucesso das empresas incubadas?
10. Como podem os resultados dos programas de incubação ser avaliados?
11. Quais são os factores críticos para uma incubadora ser bem-sucedida?

Anexo II - Projectos Públicos, Empresas Incubadas e Prémios da BLC3

Projectos de conhecimento público em ligação ao tecido económico fomento de criação de empresas ou novas áreas de negócio:

1. Valorização de recursos naturais e ecológicos: BioREFINA-Ter (produção de bioprodutos e biocombustíveis de 2ª geração);
2. Wastewater-pro (Tratamento e valorização de Efluentes para a produção de nutracêuticos e cosméticos): em ligação com as empresas produtoras de queijo Serra da Estrela;
3. Anti-radão: produto bio de isolamento à radioatividade natural (em ligação com empresa produtora de derivados de madeira);
4. ValorQueijo (valorização da fileira do queijo Serra da Estrela DOP);
5. Fruit ECO-Drying Line (automatização do processo da pera S. Bartolomeu, uma variedade endógena da região);
6. Lab-i-Duca: projeto de Inovação Educacional para o Desenvolvimento Sustentável: Infante Juvenil
7. “Start-ups” (apoio à sua criação e desenvolvimento) ligadas aos recursos ecológicos da região e de promoção eficiente destes: A.H. Saúde e Formação (monitorização avançada de pessoas idosas); Carqueja (criação e dinamização de rotas turísticas para a região interior); CentroTV - BKN (centro de comunicação e divulgação áudio-visual digital); Enggreen (desenvolvimento de soluções inovadoras de eficiência energética); Enging – Make Solutions (desenvolvimento de soluções de melhoria da qualidade de energia e hardware detação de bugs em sistemas elétricos); Gadgentendency (sistema inovador de apresentação de produtos, promoções e conceitos da marca em montras de lojas e outros espaços públicos de exposição); Go-Star (produtos regionais alimentares da Serra da Estrela); IdealConcept (desenvolvimento de plataforma digitais); iFungHealth (desenvolvimento de biosensores e extratos naturais para plicações nutracêutias e farmacêuticas); Denti-Hi-Tech (desenvolvimento de produtos e soluções para a saúde oral e PSE); Regional Innovation (centro comercial virtual de produtos regionais); Sup In River (desenvolvimento de nova modalidade desportiva, com a finalidade de explorar os recursos hídricos da região); TeoremaPerfil (desenvolvimento de soluções inovadoras para o setor da construção: arquitectura sustentável); TrialMotor (projeto inovador a nível

mundial, agregando num mesmo espaço a criação de escola de trial para iniciados e alta competição, alojamento e roteiros turísticos); MicNatur (“Técnicas biotecnológicas para produção de inóculos, plantas micorrizas e trufas); Docereal (desenvolvimento de um método de caramelização para as sementes de girassol: mercado saúde ativa); Chemical Nature (produtos e tecnologia de base natural: adesivos, tintas, revestimentos); Opera4Kids (atividades lúdicas e de animação turística ligadas à opera); Scorpion (desenvolvimento de uma solução de segurança inteligente); Riabra (desenvolve equipamentos de vanguarda para Agricultura de Precisão); Portelinha & Correia (investigação em aquicultura em ambiente controlado e com certificação biológica); Overtake Technologies (produção de soluções modulares de Software e Hardware nas áreas de automação e controlo).

Outras linhas de atividade:

- . Clube 3i (Interdisciplinaridade, Investigação e Inovação): Clube de geração de ideias inovadoras, Clube 3i’s “Interdisciplinaridade, Investigação e Inovação”, sendo que no final do ano 2015, contou com 47 jovens naturais da região de 13 áreas disciplinares diferentes;
- . Clube de Jovens Agricultores: o Clube de Jovens Agricultores foi lançado em início de setembro de 2011, para potenciar atividade agrícola da região, representando um investimento para a região de 1,7 milhões de euros;
- . Clube de Jovens Empreendedores: com um primeiro objetivo de formação e qualificação do tecido empresarial jovem, a BLC3 lançou um clube de jovens empreendedores, o qual está ligado ao Clube 3i.

Prémios

2016- Prémio RegioStars Promovido pela Comissão Europeia

2016 - Ferreira, I., Sales, H., Rocha, B., Nunes, J. (2016). GHG Emissions Life Cycle Assessment of an in vitro plant production system – Lavandula multifida. IX International Symposium on In Vitro Culture and Horticultural Breeding, Giza (Egypt), 13-17 March (Award the Best Poster)

- 2016 - 30 Nomes, 30 Anos: distinção dos 30 nomes de reconhecido mérito na região de Oliveira do Hospital, (entidade Promotora Rádio Boa Nova)
- 2016 - Finalist RegioStart, Category 2: Sustainable Grow: Circular Economy (TOP5 European project), European Commission
- 2016 - 30 Marcas, 30 Anos: distinção das 30 marcas de reconhecido mérito na região de Oliveira do Hospital, (entidade Promotora Rádio Boa Nova)
- 2015 - “World Top 25: Top University Business Incubator” Incubator University Business: Classified in the top 25 incubators of World with University connecting (#22)
- 2015 - “Europe Top 10: Top University Business Incubator” Incubator University Business: Classified in the top 10 incubators of Europe with University connecting (#9)
- 2014 - 2º lugar nacional nos Prémios Europeus de Promoção Empresarial (European Enterprise Promotion Awards – EEPA) na área de “Apoio ao desenvolvimento de mercados ecológicos e à eficiência de recursos.
- 2013 - Distinção Prémio Excelência Tecnologia e Inovação da Caixa de Crédito Agrícola ao projeto desenvolvido "BLC3"
- 2010 - Distinção e melhor estágio de Eng. Mecânica de 2009 atribuído pela Ordem dos Engenheiros da Região Centro, 29 de Maio de 2010.

As empresas incubadas por regime de incubação, são as seguintes:

Incubação Física:

- Paladares Afirmativos, Lda. (DOcereal)
- DentHiTech (JFOH, Lda.)
- Chemical Nature, Lda
- BKN - Breaking News, Unipessoal, Lda. (Centro TV)
- BTS - Biotechnology and Sensing for Food Safety and Health, Lda. (iFungHealth)
- Voz da Natureza, Lda.
- Enging - Make Solutions. Lda
- Teorema Perfil - Unipessoal, Lda. (SolidBlue)

Incubação por Posto de Trabalho:

- Overtake Technologies, Lda.

Incubação Virtual:

- A.H. - Saúde e Formação
- Go-Star
- OPERA4KIDS
- TrialMotor Off Road Adventures
- RIABRA, robotics and Sensors
- Portelinha & Correia, Lda.
- ENGEGREEN Solutions, Lda.
- Scorpion Arrow Intelligenc

Anexo III - Transcrição das Entrevistas

Entrevista Dr. João Nunes

1. Por que motivo foi criada a BLC3?

A Associação BLC3 - Campus de Tecnologia e Inovação constituída em 2010 foi projetada por João Nunes, na altura com 27 anos, com o intuito de captar massa crítica e desenvolver ideias para a região de Oliveira do Hospital e concelhos limítrofes. O conceito da BLC3 surge de uma ideia muito pessoal de João Nunes, que contou com o apoio da Câmara Municipal, após este verificar, que ano após ano, o concelho tinha cada vez menos jovens (à semelhança de toda a região interior do país), que cada vez menos jovens tinham vontade de se fixar no território e cada vez menos havia oportunidades para os que decidiam ficar. Aliando esta questão à sua formação orientada para a ciência e tecnologia e ao seu espírito empreendedor, avançou então com a proposta de criação de um Centro de Investigação orientado para os recursos do território e uma Incubadora de Empresas, com ligação a Universidades, Centros de Investigação e à Câmara Municipal. Esta dupla valência da BLC3 leva a uma dupla captação/fixação de jovens, uma vez que surge a necessidade de recrutar jovens qualificados para trabalhar nos projectos que estão a ser desenvolvidos no Centro de Investigação e por outro lado promove-se o empreendedorismo de jovens que pretendam desenvolver projectos e ideias na Incubadora.

2. Quais são os pontos fortes e os pontos francos da BLC3? Quais são as oportunidades e as ameaças?

Pontos Fortes: Projectos e ideias ligadas ao território. Capacidade de fixação de talentos em regiões rurais e interiores. Ecossistema e oferta do Campus. É a primeira entidade em Portugal criada para o desenvolvimento do cluster das Biorrefinarias (2ª e 3ª geração) e da Bioeconomia e Smart Regions. Diversidade de áreas disciplinares ao nível do Centro de Investigação e da Incubadora com a fase de pré-incubação gratuita e posteriormente baixo custo das salas. Equipa jovem e com formação curricular de excelência.

Pontos Fracos: maus acessos rodoviários. Devido à conjuntura económica existe a dificuldade de captar investimento privado. Localização interior e reconhecimento insuficiente das autoridades públicas e dos media.

Oportunidades: Localização num território com um conjunto vasto de recursos por explorar e de oportunidades de desenvolvimento. Região Centro é das regiões com mais desemprego jovem e qualificado – oportunidade de atração destes jovens através de programas estruturados de imersão;

Ameaças: Perda de massa crítica e de jovens para o estrangeiro.

3. Quais os principais desafios que a BLC3 enfrenta?

Dificuldade de reconhecimento e compreensão da estrutura da entidade por parte das equipas de avaliação dos projectos, porque a BLC3 centraliza-se muito em projectos ligados ao setor primário e secundário.

4. O que faz da BLC3 uma incubadora de sucesso a nível nacional?

O facto de estar localizada num território marcado por uma população envelhecida, perda demográfica e falta de serviços, e ainda assim conseguir combater a tendência da fuga de jovens deste tipo de territórios, oferecendo a possibilidade de se devolverem projectos e ideias associados aos recursos da região, que até então não eram vistos como potencial fonte de valor, são talvez o que faz da incubadora ter o sucesso alcançado. Está muito orientada para o território. Noutra perspetiva o sucesso tem também passado pelo tipo e qualidade de ideias e projectos que desenvolve e promove.

5. Porque é que a BLC3 pode ser considerada uma mais-valia para o desenvolvimento local?

Pela captação e fixação de jovens e massa crítica num território com tendência para o abandono; Valorização dos recursos endógenos (ex: queijo, efluentes, biomassa); contributo para tornar o território mais competitivo através do apoio ao tecido económico local e jovens empreendedores; influência na tomada de decisão dos mais jovens na escolha de áreas de formação com maior absorção pelo mercado de trabalho (orientadas para a ciência e tecnologia); impacto positivo na economia local; aumento da competitividade e da oferta a nível cultural e ocupacional.

6. Como é gerida a BLC3? Como se financia? É sustentável?

É gerida em modelo start up. Pela realização de PSE e fundos, e ligação às empresas no desenvolvimento de projectos. A sustentabilidade está no plano e forma de valorização. Passa pela vertente de exploração comercial dos resultados de I&D.

7. Quantas empresas a BLC3 já apoiou? Que serviços disponibiliza?

Apoio à criação e desenvolvimento de ideias e empresas, através de programas próprios de incubação, havendo sempre o período de pré-incubação para melhor análise e apoio ao desenvolvimento das ideias ou empresas; Apoio à dinamização das ideias e empresas e respetivo acompanhamento; Análise e captação de investimento e financiamento; Apoio para atividades de investigação e inovação através do Centro I&DT; Disponibilização de espaços físicos (gabinetes de trabalho, sala de reuniões, sala de formações, Laboratório partilhado e zona outdoor para desenvolvimento de projectos e demonstrações tecnológicas de biotecnologia; Espaços e serviços para demonstração pré-industrial em Agro-alimentar e Biotecnologia Vegetal; Serviços de Coaching e Mentoria; Serviços de apoio a ligação a redes e mercado; Serviços de apoio à identificação, seleção e recrutamento de recursos humanos; Domiciliário e serviços de receção; Serviços de apoio à proteção intelectual e transferência de conhecimento; Serviços de apoio contabilístico; Aconselhamento jurídico; Registro e apoio à constituição de empresa/sociedades; e Apoio à dinamização e replicação do modelo de fixação de jovens e de empreendedorismo em outras regiões (Polos).

8. Tem a BLC3 aumentado a taxa de sobrevivência das novas empresas, as taxas de criação de emprego e inovação industrial?

A taxa de sobrevivência tem sido desde o início muito significativa. Ver resposta mais abaixo.

9. Que mecanismos são utilizados para alavancar o sucesso das empresas incubadas?

A BLC3 tem o modelo muito de contacto direto, em que se estuda, caso a caso, as necessidades. No empreendedorismo não existem fórmulas universais sendo que o modelo de Canvas e de ML e TRL são os que mais utilizamos para alavancar o sucesso das empresas. A Incubadora | BLC3 apenas dá um apoio de disponibilização de espaços e apoio técnico de orientação estratégica, mercado, imagem e marca a custos muito reduzidos. Sendo que o apoio técnico-científico e de captação de investimento para o desenvolvimento das ideias e projetos são talvez os mais importantes mecanismos existentes para alancar o sucesso das empresas incubadas.

10. Como podem os resultados dos programas de incubação ser avaliados?

Pela criação de emprego, imagem e marca, volume de negócios, taxas de crescimento e nível de inovação e empreendedorismo.

11. Quais são os factores críticos para uma incubadora ser bem-sucedida?

Relação de confiança entre os promotores e incubadora, foco e especialização.

12. Qual a taxa de sucesso das empresas apoiadas? Qual o ciclo de vida das empresas incubadas?

Fechou 1 em 18 apoiadas.

13. Quais os impactos económicos e fiscais da incubadora na região?

Captação de 9,2 milhões de euros de investimento, privado e público, para a região.

14. Como é que as empresas conseguem atingir os resultados esperados, tendo em conta o apoio prestado?

O sucesso das empresas depende muito mais dos promotores, da ideia e do seu perfil do que das incubadoras. São as 3 dimensões mais importantes. Eles conseguem alcançar sucesso se forem pro-ativos, trabalhadores, dinâmicos e inovadores/criativos. É nestas dimensões que nós mais damos apoio.

15. Existem mecanismos de apoio às empresas incubadas em dificuldades?

O maior mecanismo que existe é o contacto direto, em que os promotores se dirigem a nós. Depende da abertura e grau de confiança. O apoio é estudado sempre caso a caso.

Entrevista ao Presidente da Câmara de Oliveira do Hospital – José Carlos Alexandrino

De que forma a BLC3 apoia o Município e de forma ajuda no desenvolvimento da região? A Blc3 é um projeto, que é um desafio da Câmara Municipal e da minha presidência, um conjunto de pessoas que fizeram algumas propostas na área da inovação, neste caso o Dr. João Nunes e sobretudo o Eng. António Campos, cujo a ideia partiu dele, sendo ele o pai da Blc3, um visionário, sempre foi um homem com uma ligação muito forte a esta área, tendo sido secretário de estado da Agricultura, e desafiou a Câmara a ser parceira numa tentativa, através de uma estrutura, encontrarmos alguma forma de desenvolver esta região do interior.

A Blc3 começou com uma ideia, que basicamente passava por transformar em biocombustível o excesso de vegetação, tal como os pinhais, as giestas, o tojo entre outros, não sendo um caso novo, havendo já experiências do género a nível europeu e também nos Estados Unidos. Como achámos que era possível, criámos um projeto em que estes matos incultos fossem transformados em biocombustíveis, tendo assim sido criada a Blc3, em que eu acreditei e transformarmos os futuro, tendo em conta também que evitaríamos os incêndios florestais na zona centro.

Se conseguíssemos pagar a pessoas que limpassem as matas e se reaproveitássemos os excessos para produção de biocombustíveis, conseguiríamos retirar vantagens das limpezas das matas para além de evitarmos os incêndios florestais, que têm um peso significativo no nosso orçamento de estado. Esta foi a ideia base, que ao longo dos anos tem vindo a sofrer alterações, e hoje em dia a BLC3 também se encontra a fazer investigação na área de apicultura, nomeadamente as maçãs e a pera passa, outras áreas também, e por isso o seu crescimento.

A participação da câmara é financeira, por se tratar de um projeto com a matriz de inovação, onde com um subsídio inicial de 500 mil €, com o apoio do ministério da Agricultura e da secretaria de estado das florestas, se iniciou o projeto. Atualmente o percurso da BLC3 já é muito desligado da Câmara Municipal, sendo que a câmara ainda financia a Blc3, as instalações onde hoje se encontra foram compradas pela câmara municipal, que eram as antigas instalações da ACIBEIRA que se encontrava completamente degradada, e também temos dado alguns subsídios de manutenção.

A verdade é que há ainda um grande caminho para percorrer, eu costumo dizer que a BLC3 e os agricultores percebem isso muito bem, não podemos deitar as sementes e recolher os frutos no dia seguinte, é impossível, é preciso tempo. A Blc3 vai ser reconhecida em Bruxelas, onde estarei, tendo a BLC3 sido considerada como o melhor projeto europeu de inovação e sustentabilidade do território, está numa final de 5, ainda não se sabe nada oficialmente, tendo sido candidatada pelo Comissão de Coordenação de Desenvolvimento de Região Centro, proposto pela Dra. Ana Abrunhosa,

e já sabemos que este projeto é o que irá vencer. É fantástico, tendo em conta que estamos a falar de cerca de 200 candidaturas.

Relativamente às empresas, sente que a BLC3 tem sido importante no que diz respeito ao apoio de pequenos empresários?

Ela tem tido esse papel, nomeadamente na área da agricultura, muitos pomares, tem sido através da BLC3 que muitos agricultores, hoje mais jovens e mais modernos, alguns com licenciaturas, têm feito um trabalho de parceria, em contrapartida, a própria estrutura de BLC3, tem uma incubadora onde se estão a desenvolver alguns projectos, onde podem ficar cerca de 5 anos, alguns precisam de ser amadurecidos, perceber se vão ter sucesso, que os jovens empresários que os iniciam estão ali sem terem despesas, e acaba por ser um pouco como os filhos, chega a uma altura que têm que sair de casa dos pais e voar com as suas próprias asas. A BLC3 tem tido um impacto fundamental na criação, sobretudo na área da agricultura, de novas empresa, tem sido um parceiro, na minha opinião importante.

Qual é que acha que são os pontos fortes e fracos e as oportunidade e ameaças relativamente à BLC3?

A BLC3 é um projeto inacabado, é sempre um projeto que depende muito da sua própria inovação e de um orçamento que vive de fundos comunitários, nomeadamente de projectos que possam ser elegíveis. A BLC3 ainda não tem meios próprios, já tem algumas ideias e patentes registadas, mas ainda não são suficientes. Algumas companhias de aviação têm-se interessado na compra de biodiesel. Como disse anteriormente, ainda há um longo percurso a fazer, sendo, portanto, um dos seus pontos fracos a sua capacidade financeira para gerar capitais próprios e ser autossustentável. A participação da Câmara Municipal é pequena, mas tem sido um grande esforço, porque até à data de hoje foram investidos na BLC3 cerca de 1 milhão de euros, o que para a realidade da câmara é bastante, com esse dinheiro poderíamos ter realizado obras físicas, resolver alguns problemas de saneamento, outros problemas do município, mas a BLC3 trouxe outras vantagens competitivas, nomeadamente um conjunto de jovem doutorados, investigadores para Oliveira do Hospital, e identifico isso como sendo um dos pontos fortes, que estão a fazer um excelente trabalho e com certeza iram ficar ligados a Oliveira do Hospital.

A BLC3 tem um papel determinante na fixação de algumas empresas em Oliveira do Hospital, sejam elas na área tecnológica, que traga desenvolvimento e que me ajude a fixar jovens a Oliveira do Hospital, porque eu quero que eles fiquem em Oliveira do Hospital e que não emigrem como aconteceu no passado.

Relativamente à sua gestão? Como é que a BLC3 é administrada?

A BLC3 tem um concelho de Administração, cujo o presidente é o Dr. João Nunes, mas a câmara não se imiscui na gestão da BLC3, algumas pessoas acham que o Presidente da Câmara é que deverias ser o presidente da BLC3 devido ao investimento que lá fizemos, eu não comungo isso, eu como acho que a BLC3 deve ter independência Política e que deve fazer o seu trabalho, mas também e logicamente que a Câmara Municipal, como está a fazer investimento, terá de obter alguns resultados. Como costume dizer, quanto maior a autonomia maior a responsabilidade, e este investimento vai certamente render muito mais ao concelho.

A BLC3 tem o seu concelho de Administração, têm as suas parcerias com as Universidades, e nesse sentido são independentes, onde nós temos que canalizar é se os resultados são coerentes com o investimento que a Câmara Municipal tem feito. Na minha opinião o retorno financeiro é uma questão temporal, estou convencido que a BLC3 irá devolver integralmente todo o investimento inicial, criando ainda mais valias para o concelho.

Porque é que a BLC3 pode ser considerada uma mais valia para o desenvolvimento local? A oposição farta-se de dizer que eu não devia gastar nada com a BLC3, oposição gosta de ter um concelho parado, amorfo, um concelho que não tivesse vida nem alma, a minha oposição se pudesse até tirava a alma ao concelho. Quando eu me candidatei à Câmara Municipal, tinha um concelho parado, fechado no tempo, hoje Oliveira do Hospital é um Concelho com vida, não tendo todos os problemas resolvidos, porque outro galo cantaria se tivéssemos acessibilidades dignas do nome, se tivéssemos o IC6 construído até Oliveira do Hospital abriríamos portas a algumas empresas se poderem instalar em Oliveira do Hospital, que por razões estratégicas tiveram que optar por outros concelhos, devido ao problema das acessibilidades. Independentemente disso, hoje temos um concelho diferente, está na moda, onde se fabricam os melhores factos do mundo, tem o melhor queijo da serra da estrela e por esse motivo a BLC3 serve para captar todos esses empreendedores e não deixar escapar.

Qual o impacto económico-fiscal que advém das empresas sediadas na BLC3?

Isso são perguntas vais viradas ao próprio funcionamento da BLC3 e ao qual o Sr. Presidente lhe irá responder, eu não tenho dados suficientes para poder validar o verdadeiro impacto, no entanto e independentemente de não ter esses valores, para nós é muito positivo, não tenho noção do volume de negócios que fazem as empresas que estão na incubadora, mas só facto de elas existirem e haver uma estrutura que lhes dê apoio já é para nós um impacto económico-fiscal muito positivo, tendo em conta o facto de fixarem jovem em Oliveira do Hospital, e isso para nós é tudo.

O Sr. Presidente conhece empresários que utilizado a BLC3 como forma começarem o seu negócio?

Alguns projectos têm sido desenvolvidos pela BLC3 e em parceria com o tecido empresarial de Oliveira do Hospital. A nível têxtil, Oliveira do Hospital tem empresas que fazem os melhores factos do mundo, as melhores marcas são aqui feitas, e por isso havia um projeto por causa do estudo dos têxteis dentro da BLC3. Também na área dos biocombustíveis, entre outras áreas. Há muitos empresários que já recorreram à BLC3, e dessa forma alargaram e melhoraram os seus negócios na área de Oliveira do Hospital.

Entrevista ao Fundador da BLC3 – Eng. António Campos – Ex Secretário de Estado da Agricultura e Ex Eurodeputado.

Porque motivo foi criada a BLC3?

A BLC3 foi criada como um ato de revolta em relação ao estado do próprio país. Nós criámos a geração mais brilhante que existiu alguma vez em Portugal, que é a geração de Abril, até aos 35 anos, jovens de grande qualidade, que estavam todos a emigrar. A solução encontrada, e tendo em conta a desertificação do interior, justificava-se ter um aventura, tentar não só trazer inteligência para o interior, como também e por outro lado fazer face à emigração dos melhores. No fim de contas é um ato de revolta, porque a minha geração trabalhou desesperadamente para criar a melhor geração que alguma vez Portugal teve ligada ao conhecimento e o que acontece é que depois não se foi capaz de dar a volta e está a prepará-los exclusivamente para a emigração, sem haver estruturas internas que os captem e que no fim de contas dê valor ao conhecimento adquirido.

Qual é que acha que são os principais desafios que a BLC3 atualmente enfrenta?

A BLC3 é criada numa zona em desertificação acelerada, onde num território praticamente em abandono, numa zona do interior, é criada com uma finalidade, e dedicando-se praticamente em exclusividade ao desenvolvimento da Bio economia do território. Toda a ação de BLC3, tendo em conta que ela é composta por duas partes, uma incubadora, onde jovens que queiram, podem-se instalar e desenvolver os seus próprios projectos pessoais, e há outra parte da BLC3 que é um centro de investigação aplicada. Esse centro de investigação aplicada trabalha acima de tudo em função da bio economia do território ou da região. Não é possível hoje desenvolver o interior sem trazer inteligência, novos conhecimentos e novas tecnologias, sendo este o objetivo número um da BLC3.

A questão base centra-se em como criar um modelo capaz de resolver os problemas do interior e também deitar mão às grandes riquezas regionais, dinamiza-las e coloca-las no mercado, com novas tecnologias e novos produtos.

Quais é que são para si os pontos mais fortes da BLC3? E os mais fracos?

O mais forte de todos acho que, é não haver outro exemplo em Portugal, nenhuma estrutura ligada à investigação aplicada, que tem 5 anos de vida, um deles paralisado, o que na prática são 4 anos e que tenha ganho 3 dos maiores prémios a nível internacional, está entre as melhores 10 incubadoras de ideias de toda a europa, nas 25 melhores de todo o mundo e no dia 11 de Setembro a concluir com o melhor projeto de desenvolvimento da economia circulante, que pode fazer a revolução de todo o interior. É um projeto ligado e que quer fazer frente a uma das maiores calamidades que há em Portugal, que são os fogos florestais, e como é que se pode utilizar a matéria que a natureza fornece, não para arder mas para a tornar numa grande valia na economia nacional. Esse é o grande projeto da BLC3, o das bio indústrias, ligadas a novos produtos, das bio refinarias e para nós neste momento são as 3 áreas fundamentais. As bio indústrias ligadas a novos produtos, ligados ao interior, a refinaria e os bio produtos ligados à utilização da giestas, dos matos, tudo o que natureza produz mas acaba por arder.

Quais as principais ameaças?

Nós trabalhamos numa zona deprimida, onde não estar num grande centro urbano é uma grande aventura, estando completamente deslocada dos meios científicos e dos meios do conhecimento, e é uma aventura que não tem um grande suporte, na medida em que não conhece no interior nenhuma estrutura, a não ser Universidades, ligada à investigação aplicada e ligada ao desenvolvimento do território. No interior já não existe gente, a inteligência desapareceu, sendo a situação mais complicada, como é que nós seguramos aqui jovens altamente qualificados no meio de um território em desertificação acentuada.

Quais são as principais oportunidades que a BLC3 tem?

A oportunidade que tem, e já no próximo mês de outubro, é a sua afirmação a nível internacional. A BLC3 em si, é uma associação com muitas ligações a universidades estrangeiras, em 9 países, e muitos centros de investigação, não só nacionais, mas internacionais. Ela está hoje mais prestigiada a nível externo do que a nível interno, porque trabalha com tecnologias de ponta e trabalha com uma geração que em média tem 28 anos eu sou o único velho que lá entra, o resto são jovens altamente qualificados, muitos deles doutorados, e está deslocada. Como é que se cria agora o ambiente para a segurar neste meio em desertificação acelerada é que é o grande problema. Um outro problema é que politicamente, e dado que o interior é muito descriminado em relação ao litoral, como é que conseguimos condições políticas de sermos tratados em pé de igualdade, com as estruturas que existem no litoral.

Recordo que os prémios que a BLC3 recebeu ficou à frente de entidades como Pedro Nunes, a Católica, Universidade Nova, do Tagus Parque, e de muitas outras que concorreram e nós ficámos sempre à frente, mas isso é a nível internacional, depois a nível nacional isso não se passa. Há uma discriminação brutal em relação a tudo o que acontece no interior, desenvolver o conhecimento no interior.

Como é que a BLC3 é gerida? Como se financia? É sustentável?

A incubadora é privada e cada empresário tem 6 anos para demonstrar o que vale, indo para o mercado e consegue sobreviver ou dá lugar a outro empreendedor. A outra parte, sendo esta apoiada pela câmara Municipal, com cerca de 10mil € por mês, é relativa à investigação, com 18 projectos, dos quais 6 ou 7 estão em condições de ir para o mercado já no próximo ano. Como já tinha dito anteriormente, a BLC3 só trabalha em produtos e em tecnologias que não existem no mundo, com algumas patentes, o que lhe permitirá ter no futuro a sua própria autonomia. Estamos a falar de uma pequena criança.

Falando diretamente da incubadora e do apoio ao tecido empresarial, a Câmara Municipal apoia diretamente cada empresa?

A Câmara apoia a totalidade das empresas, estamos a falar de 16 empresas em incubação, mas são privadas, algumas delas felizmente já com êxito garantido, no mercado nacional e internacional e que rapidamente se podem tornar autónomas à incubadora, outras ainda estão ali à procura dos seus próprios mercados.

Tem noção de quantas empresas a BLC3 já apoiou?

Não tenho a noção, mas temos um grupo de jovens agricultores que já plantou mais de 60 hectares, temos cerca de 16 empresas apoiadas atualmente, e depois temos 18 projectos ligados à investigação, movimentando muitas dezenas de jovens.

A BLC3 tem alguns investigadores da Universidade Coimbra, que se deslocaram e formaram as suas próprias empresas, têm experiência em determinadas áreas, alguns engenheiros que se deslocaram para Oliveira do Hospital e estão a ter êxito, e depois há empresas locais, de jovens locais que estão a experimentar sobreviver, umas terão êxito, outras não.

Nós apoiamos essas empresas, ajudamos como podemos para as conseguirmos dinamizar e arranjam os apoios financeiros. Já os 18 projectos de investigação, estão completamente à parte e aí só fazem parte investigadores e aos dias de hoje já com uma boa quantidade de doutorados.

Que serviços a BLC3 disponibiliza para apoiar essas empresas?

A BLC3 tem um serviço de apoio a 400 ou 500 empresas, dando-lhe informação permanente do que vai saindo, o tecido empresarial do concelho de Oliveira do Hospital, Tábua, Arganil, mas é muito pouco ligado à inovação, muito pouco ligado às tecnologias, sendo baseado em alguns casos em mão de obra intensiva do que no conhecimento, nomeadamente as confeções e as pequenas indústrias de produtos regionais, que também não têm evoluído muito tecnologicamente.

Estamos a viver uma revolução nas áreas das tecnologias, e é muito difícil trazê-las para o interior, nomeadamente a digitalização, computação, área das tecnologias de informação, são áreas que estão em evolução, e com este tecido empresarial é difícil conseguir trazer essas áreas para o interior e nesse sentido é que a BLC3 tem uma estrutura

de investigação que lhe permite desenvolver tecnologia e novos conhecimentos em determinadas áreas para fazer frente a determinados problemas que existem no interior. O objetivo é criar uma nova classe empresarial apoiando a que existe, e a que existe é pouco dinâmica e não dá garantias em relação ao futuro.

Falou em mecanismos que existem para alavancar o sucesso das empresas incubadas. Que mecanismos são utilizados?

Acima de tudo o apoio que lhes conseguimos fornecer está muito ligado aos fundos comunitários, também fornecemos a informação referentes às 500 empresas da região e sobre todas as oportunidades que têm e também temos outros serviços de informação.

A vertente mais importante da BLC3 não é essa. A vertente mais importante é da investigação aplicada, ligada ao conhecimento de ponta, que permita fazer a revolução do interior, criando uma nova classe empresarial do século XXI.

Quais os factores críticos para uma incubadora ser bem-sucedida?

A incubadora antes de tudo tem que ter apoios, e as incubadoras têm a vantagem de estar ligadas a um centro de investigação onde há muita gente com conhecimento que as pode alavancar e ajudar. Por outro lado, também têm o apoio financeiro.

Mas a BLC3 não é só uma incubadora, é também um centro de investigação. Onde nós temos grandes investimentos, onde nós temos grandes conhecimentos, onde nós desenvolvemos novos produtos e novas tecnologias, onde nós fazemos patentes que podem garantir o futuro é tudo no centro de investigação, não é na incubadora.

A incubadora é privada, onde nós ajudamos, a parte de investigação é da responsabilidade da própria BLC3.

O centro de investigação tem por obrigação dinamizar novos conhecimentos para novos produtos e para resolver os problemas que existem no interior. O projeto das bio refinarias e dos bio produtos é um projeto de âmbito nacional e o desenvolvimento dele implica que em cada um dos 200 concelhos do país haja uma estrutura capaz de fazer frente aos incêndios florestais e transformar aquilo que é um desastre nacional numa mais valia económica.

A questão de recuperar riquezas regionais e que estão perdidas por falta de tecnologia, como a pêra de são Bartolomeu, a chamada Pêra Passa, em que neste momento o clube de jovens agricultores já plantou mais de 40 hectares e que daqui a 1 a 2 anos podem tirar frutos, e criou novas tecnologias que permite que as peras sejam lavadas num lado e saiam descascadas, desidratadas, espalmadas, no final da linha.

Por exemplo, o problema do queijo da serra, que envolve 18 concelhos, hoje mais de 90% do queijo é falsificado, não tem nada a haver com o verdadeiro queijo que vem da ovelha bordaleira, tínhamos cerca de 300.000 bordaleiras e hoje temos 50000, a produção aumentou 1000% e o número de animais diminuiu porquê? Porque é feito com leite importado e não tem qualidade. A BLC3 está a desenvolver também a forma de garantir no futuro a qualidade aos consumidores para que não possam ser enganados, através de um sensor que encosta ao queijo e que identifica a origem do leite. Dentro da micologia,

há aqui uma riqueza fantástica ligada aos cogumelos, desconhecida, em que neste momento e com a escola de hotelaria do Estoril estamos a seleccionar novas variedades para serem lançadas no mercado com substratos locais, ligadas à criação do ecossistema local, também há o exemplo da truficultura, ligada com Espanha, Murta e outras entidades, enfim há uma serie de projectos. Outro projeto diretamente ligado a Oliveira do Hospital, nomeadamente na criação de resíduos provenientes das queijarias, que produzem cerca de 18 mil litros de resíduos para os afluentes e que é um problema grave ambiental, como é que com as algas conseguimos resolver o problema, há uma estrutura ligada às algas de água doce, para resolver problemas ambientais. Existem vários projectos, em várias áreas, todas elas focalizadas com os problemas da região e no desenvolvimento do interior.

Falando apenas da incubadora, está também ligada ao desenvolvimento da região?

As empresas das incubadoras são livres, é a vontade de cada um. Aparecem com uma ideia, a responsabilidade é de quem a cria, e nós apoiamos. Se virmos que tem hipótese no mercado apoiamos, se acharmos que é uma ideia descabida, não apoiamos. Têm 3 anos para demonstrarem a viabilidade da própria empresa e ao fim de 3 anos se não conseguirem ter bons resultados têm que dar lugar a outros empreendedores, ou já estão no mercado ou já têm conhecimento suficiente para poderem caminhar pelos seus próprios pés.

Como é que as empresas incubadas conseguem ter os resultados esperados, tendo em conta os apoios que lhes são fornecidos?

A responsabilidade dos resultados é da responsabilidade das empresas, cada um tem a sua estratégia de abordar o mercado. A BLC3 dá apoio físico, dá apoio financeiro, em muitos caso esse apoio é fornecido para começarem o negócio e depois ainda tem o apoio do centro de investigação onde existem mais de 30 investigadores de várias áreas, de praticamente de todas as áreas que os ajudam.

A taxa de sucesso das empresas incubadas é elevada?

É muito difícil responder a essa pergunta porque a incubadora praticamente tem 3 anos. Já há alguns casos de sucesso garantido. A Incubadora mudou de instalações. Onde estávamos era pequeno para o número de empreendedores que nos procuravam. Só neste ano é que temos novas instalações, ainda não foi inaugurado e na prática já está cheio. Só será inaugurada nos finais de Outubro e nesse sentido é muito difícil responder a essa pergunta de forma exata.

Posso dar o exemplo de uma empresa de jovens engenheiro que já estão no mercado com um aparelho que deteta qualquer avaria no motor com cerca de 90 dias de antecedência, e já estão a fazer grandes contratos com a EDP, há outros que estão a desenvolver novos produtos ligados à madeira e ligados à perturbação do ambiente e também já estão com mercado.

As novas instalações da BLC3 tem um grande impacto para a região?

Espero que o venha a ter, é tudo muito recente, é para isso que trabalhamos. Quando a BLC3 bate a Pedro Nunes, bate a Católica, bate a Nova, bate o Tagus Park a nível internacional é porque tem 18 projeto de alta qualidade. São projectos de investigação aplicada e para a colocar no mercado, nunca o conseguimos fazer em menos de 5 anos, desde fazer a prova de conceito e depois ir para o mercado em qualquer parte do mundo nunca se consegue fazer isso em menos de 5 anos. A parte de investigação demora cerca de 2 a 3 anos, depois a parte de pós piloto e a confirmação da investigação demora sempre 1 a 2 anos e só depois é que está em condições de ir para o mercado. Quando lhe digo que em 18 projectos, há 6 ou 7 que já estão em condições de ir para o mercado é para o ano, porque já têm investigação feita, já têm a prova de conceito a funcionar e já estão em condições.

Só a produzir coisas novas e que não existem no mercado é que conseguimos que a fundação para a ciência e tecnologia, que é o principal suporte da BLC3, o principal financiador, nos aprove os projectos respetivos e também nos aprove os quadros, chamo-lhe à atenção que no último concurso para doutoramentos haviam 80 bolsas e a BLC3 ganhou 5. É uma batalha lenta.

Nas novas instalações, pretendemos construir um centro de ciência viva, para atrair os jovens da região, para que desde cedo consigam ter um ponto de referência bem como um primeiro contato com a tecnologia e entusiasmarem-se pelo conhecimento. No verão abrimos as portas aos jovens, para poderem conhecer o que fazemos, o que já nos faz ter alguma experiência na área.